

# L . E . T . D F . R . A . S

Câmara Legislativa do Distrito Federal  
Ano II - Nº 23 e 24

Suplemento Cultural  
1996

# Teatro exige Dulcina Viva

■ **Paracatu e os  
caminhos para  
os Goyazes**



# PARACATU DO PRÍNCIPE



*Igreja do Rosário, construída em 1800, tombada pelo patrimônio histórico nacional*

## ... e os caminhos para o Planalto

□ Oliveira Mello

**A** cidade mineira de Paracatu faz parte hoje da área de influência do Distrito Federal. Entretanto, em épocas passadas, no tempo das entradas e bandeiras, Paracatu do Príncipe teve atuação marcante na colonização do Planalto Central e, mais recentemente, de Brasília.

Paracatu se fez presente desde os primeiros momentos da construção de Brasília. Assim como os diferentes caminhos para Goiás se cruzavam em Paracatu no Brasil colonial, a primeira linha regular de ônibus de Minas Gerais para a Nova Capital, que ainda era construída, também partiu de lá.

Oliveira Mello, esse entusiasta da cultura e das coisas do Planalto e de Paracatu, irá nos levar no tempo e no espaço pelos caminhos dos Goyazes em busca de ouro e de riquezas.

**Luiz Estevão (PMDB)**



O deputado Luiz Estevão, líder do PMDB na Câmara Legislativa, acaba de apresentar projeto de decreto legislativo propondo a concessão do título de Cidadão Honorário de Brasília a Athos Bulcão, um dos mais expressivos artistas plásticos do Brasil. Carioca, 78 anos, Bulcão foi professor da Universidade de Brasília (UnB) de 1963 a 1965, tendo sido reconduzido em 1988, pela Lei da Anistia. Está desde 1958 em Brasília, e tem contribuído para projetar a cidade com o seu trabalho.

**José Edmar (PSDB)**



Com vocação natural para as artes, Taguatinga avançou culturalmente de forma impar. Movido pela persistência, o segmento da arte desenvolve-se de forma atípica, pois a cidade não oferece espaços culturais adequados ao seu fomento. O Teatro da Praça, maior símbolo de reivindicação da cidade, esteve interdito por quatro anos, passando agora por reformas. Verifica-se, portanto, uma triste contradição: a comunidade é uma enorme fonte de cultura, mas não tem onde externar sua arte. É preciso modificar essa realidade, fazendo de Taguatinga a capital da arte do Distrito Federal.

Formosa está intimamente ligada à história paracatuense desde o seu alvorecer. O Ouvidor José Gregório de Moraes Navarro foi quem promoveu a demarcação territorial da nova Vila de Paracatu do Príncipe, por ele instalada em 18 de dezembro de 1799, que foi aprovada pela Câmara em 15 de outubro de 1800. E os seus limites atingiam até as cabeceiras do rio Preto, que tem as suas nascentes provenientes da lagoa Feia, “que verte do norte para o sul, a fim de, após o percurso de seis quilômetros, canalizar-se ao encontro das águas do ribeirão Santa Rita, formando o rio Preto, afluente do rio São Francisco”. Esses limites ocasionaram uma polêmica entre o capitão-geral de Goiás, D. João Manoel de Menezes, e o Ouvidor de Paracatu, José Gregório de Moraes Navarro, pois foram considerados arbitrários pelo capitão-geral, uma vez que envolviam territórios de sua jurisdição na capitania de Goiás.

Também sabemos que o vigário forâneo da Vila de Paracatu do Príncipe, padre José de Pina Vasconcelos, nomeou o padre Manoel Pereira de Amorim para vigário e escrivão do Arraial dos Couros, em 26 de outubro de 1800, cujo território eclesiástico era subordinado à Diocese de Olinda (PE) e sobre ele tinha poderes a comarca eclesiástica de Santo Antônio da Manga de Paracatu. Antes dessa nomeação, vários sacerdotes residentes em Paracatu vinham sempre em desobriga a Nossa Senhora da Conceição dos Couros, a mando do vigário-geral, padre Antônio Joaquim de Souza Correia e Melo. Mais recentemente, não podemos deixar de mencionar o trabalho dedicado e apostólico dos frades dominicanos franceses, responsáveis pela paróquia de Formosa, na cidade de Paracatu. Principalmente o padre frei Aleixo, cuja presença nos dias difíceis da igreja paracatuense, na década de 1920, foi marcante. Inclusive foi ele o encarregado de instituir a comissão que iria angariar fundos para a instalação da futura paróquia, após criada pelo Papa Pio XI, em 4 de abril de 1929, instalar-se-ia em 4 de agosto do mesmo ano, sob a responsabilidade dos padres Carmelitas da Antiga Observância, tendo à frente o Prelado Monsenhor Eliseu van de Weijer, que se tornou bispo-prelado em 1940.

Várias pessoas de Paracatu, nos albores da formação do núcleo urbano de Formosa, para aqui imigraram, tornando-se, mais tarde, tradicionais do lugar, como foi o caso de Tomaz Ferreira de Aquino, filho dos



**Garimpeiro bateando no rio Paracatu**

paracatuenses Manoel Francisco e Ana Fernandes, negociantes e fazendeiros de Paracatu, que vieram residir aqui e onde lhes nasceu o filho no findar do século XVIII. Aliás, o historiador de Formosa, Olympio Jacintho, referindo-se ao aumento da população de Couros, afirma que pessoas de Paracatu vieram aqui “se estabelecer, onde constituíram famílias, cujos descendentes fazem parte da população atual”. Mais próximo dos dias atuais, entre os outros paracatuenses que aqui se radicaram, Formosa contou com a presença e a integração em sua comunidade do saudoso e douto Antônio Ribeiro Júnior, marcante como cidadão probo e grande contribuinte para com a cultura local.

Por outro lado, há também ligações menos desejáveis e tristes. Muitos ainda devem recordar-se da figura do bandoleiro Saulinho, considerado o Lampião do nordeste de Minas, que assaltou e saqueou muitas fazendas daqui, entre outras a de Virgílio Curado. Foi um tempo de sobressaltos e de muitos transtornos para a população formosense, principalmente a rural. Deve haver documentos a respeito nesta comarca, pois alguns de seus componentes chegaram a ser presos pela polícia goiana e sumariados pela justiça formosense. A história registra que Benedito de Tal ficou preso na

cadeia de Formosa, onde veio a falecer de pneumonia, antes de ser julgado.

### Luziânia

Foi de Paracatu, após formar uma grande bandeira, complementada por elevado número de escravos, que Antônio Bueno de Azevedo partiu rumo ao ocidente, “e atravessando a Serra de Lourenço Castanho, o rio São Marcos, (...), o ribeirão Arrependidos”, num percurso de agosto a dezembro de 1746, descobria, no dia 13 de dezembro, grande quantidade de ouro à praia de um riacho. Aí se estabeleceu, continuando a minerar, e, em homenagem ao santo do dia, denominou o local de Santa Luzia. Após algum tempo, segundo o historiador Joseph de Mello Álvares, levou ao conhecimento do governador D. Luís de Mascarenhas, de São Paulo, o “bom sucesso de sua empresa” e também resolveu “mandar a Paracatu (...) e para não perder a oportunidade comunicou ao governador da capitania de Minas Gerais (...) que tocou até um rio, cuja margem oposta já estava habitada por gente de Goiás, segundo ele supunha”.

“Assim, Bueno, com uma cajadada matava dois coelhos: tinha a glória de concluir a grande picada de viação de Minas Gerais para Goiás, e a descoberta das minas de Santa Luzia.”

A notícia dada para Paracatu correu mundo e, dentro de pouco tempo, centenas de caravanas, oriundas de várias regiões da colônia, e mesmo de outros países, locupletavam as novas minas de Santa Luzia. Até o superintendente e guarda-mor de Meiaponte, coronel Fernando Bicudo de Andrade, imediatamente se dirigiu ao lugar para constatar o novo descoberto e, com certeza, já para assumir o seu poder administrativo. No entanto, o governador e capitão-

geral, D. Luís de Mascarenhas, nomeou o seu descobridor, Antônio Bueno de Azevedo, superintendente e guarda-mor das minas de Santa Luzia. Até o superintendente e guarda-mor de Meiaponte, coronel Fernando Bicudo de Andrade, imediatamente se dirigiu ao lugar para constatar o novo descoberto e, com certeza, já para assumir o seu poder administrativo. No entanto, o governador e capitão-geral, D. Luís de Mascarenhas, nomeou o seu descobridor, Antônio Bueno de Azevedo, superintendente e guarda-mor das minas de Santa Luzia, para decepção do ambicioso Bicudo.

Aí também foi morar o mestre-de-campo Manoel de Bastos Nerva, que chegou em Paracatu por volta de 1740. Empreendeu nos serviços de mineração, entre eles construindo o famoso rasgão, um rego com mais de 70 quilômetros de extensão, partindo do ribeirão do Galinheiro, rumo ao Arraial de São Luís e Santana das Minas de Paracatu. Ainda há certidões desse seu arrojado empreendimento, através de alguns trechos do rasgão, no centro urbano de Paracatu, e do Tanque de Nerva, hoje local da sede social da Associação Atlética do Banco do Brasil, bem no coração da cidade. Reza a tradição, não se sabe o quanto de verdade e o quanto de lenda, que o povo não acreditava na empreitada do mestre-de-campo, de levar água até onde planejava. Por isso, com zombaria, afirmavam que a água iria até onde Nerva desejava só se fosse conduzida em cabaça. Ciente desse descrédito de seus contemporâneos, enquanto construía, mandou que fossem plantando cabaceiras à beira do rasgão. E, concluído o serviço, soltou as águas do rego pelas ruas da cidade e, junto, milhares de cabaças, produzindo um infernal barulho. O povo, tomando aquilo como insulto, apedrejou a morada do mestre-de-campo. Aborre-

cido e indignado, em 1755, transferiu residência para as minas de Santa Luzia de Goiás. Há idêntica tradição em Luziânia, com registro detalhado do historiador Joseph de Mello Álvares, em sua “História de Santa Luzia”, com referência às águas do Saia Velha.

O mestre-de-campo Nerva teve participação muito ativa na comunidade de Santa Luzia, inclusive na elaboração da planta da igreja matriz, cuja construção foi iniciada em 1765.

Outros mais de Paracatu, em épocas posteriores, além do fundador, dos componentes da sua bandeira, de Nerva, estiveram presentes na vida de Santa Luzia, cabendo destaque aos Pimentéis Barbosa, através de Benedito Pimentel Barbosa, descendente do capitão-mor Domingos Pimentel Barbosa, no findar do século XIX. Trata-se do avô de nosso amigo, aqui presente, Antônio Pimentel, que é também descendente direto do grande historiador de Santa Luzia, Joseph de Mello Álvares, cujas raízes se encontram em Paracatu. Um casamento feliz de dois ilustres troncos paracatuenses: Pimentel Barbosa e Mello Álvares. Há também a recíproca; com raízes de Santa Luzia temos a destacar as famílias Meireles e Roriz, sobretudo. Dessa última descende o atual Presidente do Banco Central, Gustavo Jorge Laboissière Loyola, através do lado materno, neto que é do paracatuense Genésio Laboissière.

Não obstante as dificuldades de meios de comunicação da época, paracatuenses e luzianienses mantinham intenso intercâmbio. A prova dessa afirmativa está no contato íntimo do polígrafo Americano do Brasil, tragicamente morto em Santa Luzia, onde morava, com paracatuenses lá residentes, sobretudo com o historiador Olympio Gonzaga. Americano do



Antiga rua da Capelinha, hoje Pinheiro Chagas



**Jorge  
Cauhy  
(PMDB)**

*É inegável a contribuição de Dulcina de Moraes ao teatro brasileiro. Atriz das mais talentosas, Dulcina poderia tranquilamente continuar vivendo no eixo Rio/São Paulo, mas preferiu dividir seu talento com centenas de jovens brasilienses, criando aqui na capital da República a Fundação Teatro Dulcina.*

*A Fundação, ao longo dos anos, cumpriu seu papel não só de fomentar a arte entre os jovens como também de dar à cidade um teatro por onde passaram excelentes produções.*

*A Fundação vive hoje uma situação dramática. Precisa de apoio. A Câmara Legislativa não irá negá-lo.*



**Manoel  
de  
Andrade  
(PMDB)**

*Quando falamos no teatro Dulcina, logo nos ocorre um assunto diretamente vinculado à sala – a revitalização do Setor Comercial Sul, uma necessidade há muito discutida e que nunca deixou de ser projeto. Como já aconteceu em outras cidades – Salvador, Curitiba e Rio são exemplos –, criar condições para que as regiões centrais possam ser utilizadas para atividades culturais é, comprovadamente, um bom negócio. Ao contrário de ser um espaço marginal, o Setor Comercial Sul pode, naturalmente, ser incorporado aos locais de entretenimento de Brasília, tornando-se mais uma opção de lazer para a comunidade. Basta um pouco de planejamento e vontade de realização da administração pública.*

Brasil escreveu o poema “Saudades de Paracatu”, para ser cantado com a música de “Luar de Paqueta”, de Hermes Fontes. Para quem o lê e desconhece a origem de seu autor, pensa que tenha sido escrito por um paracatuense ali nascido e ali criado, tornando-se marcante a ausência de sua terra natal.

### Brasília

Um dia, em 1823, em memorável sessão da Assembléia Constituinte do Brasil, o Patriarca José Bonifácio sugeriu a mudança da capital do País para o centro do Brasil, em um local adrede escolhido na comarca de Paracatu. Sugeriu mais, que o seu topônimo fosse Brasília. Depois de mais de um século, um filho da mineira terra de Diamantina, onde a desgraça arruinou a vida de Felisberto Caldeira Brant, que partira de Goiás, nos idos de 1739, para descobrir ouro em Paracatu, iria construir a Capital da Esperança, não em algum ponto da comarca de Paracatu, mas nas suas proximidades, em território que foi desbravado e fundado por um bandeirante saído de Paracatu. E entre os pioneiros da construção de Brasília, o primeiro na lista de seus operários, ouvindo ainda uivos de onça durante o silêncio da noite no escampado do cerrado, estava o paracatuense Antero Santana. Homem simples, homem do povo, que acreditou e aderiu no primeiro momento, chegando nas terras da futura capital com a coragem e a fé inabalável do que o homem paracatuense pode realizar, apesar da hostilidade do meio ambiente e das dificuldades de quem acreditava no futuro promiss-

or de um povo. E assim Paracatu se fez presente desde o primeiro momento na construção de Brasília no Planalto Central. Foi ainda de Paracatu que surgiu a primeira linha regular de ônibus de Minas Gerais com a futura capital que ainda se construía, através da Expresso Neiva e Cia. Ltda. Filhos de Paracatu continuaram em Brasília, contribuindo para sua estruturação e muitos se destacam na vida brasiliense, seja na política, nas universidades, seja na vida diplomática, na literária, na empresarial.

Mas não ficam só nisso as ligações de Paracatu em Goiás. Elas são muito mais profundas. Paracatu foi uma encruzilhada dos que vinham do Nordeste para Goiás e dos que subiam de São Paulo rumo ao mesmo Goiás. Caminhos cruzando e deixando na velha cidade do noroeste de Minas uma permanência marcante: a vivência atenta do passado.

Um fato temos de admitir: não há uma data precisa do soerguimento do povoado de Paracatu. Antes da fixação das bandeiras exploradoras de ouro, Paracatu já devia ser habitada, mesmo como local de arranchamento dos que se serviam desse caminho que ligou o centro minerador de Goiás aos centros criadores do noroeste da capitania de Minas Gerais. Confirma-se sua existência por uma correspondência de 20 de novembro de 1769, do guarda-mor Teodósio Duarte Coimbra ao governador Conde Valadares, que escreveu: “A chapada deste Arrayal, por cima da rua chamada dos Goyazes”. Foi, portanto, essa rua a primitiva estrada que procurava as minas de Goiás.

“... Em 1736, quatro diferentes caminhos para Goiás passaram a fazer junção em Paracatu: a Picada de Goiás, cuja constru-



5 *Beco de Siá Amélia*

ANA CAVALARI



ção foi permitida por despacho do governador Gomes Freire de Andrada, de 8 de maio de 1736; a de Pitangui a Goiás, também autorizada, em 1736, ao requerente Domingos de Brito e seus sócios; a que passava por São Romão, onde desembocavam caminhos de Minas, da Bahia e de Pernambuco; e o caminho que transpunha o São Francisco na passagem do Espírito Santo, nas proximidades da barra do rio Abaeté. A Picada de Goiás e a que passava por São Romão eram as mais freqüentadas; sobre esta última há o seguinte documento de 1736: "Este caminho há de ser o geral e o mais freqüentado para os Goyazes". Ora, se esses quatro caminhos iam juntar-se em Paracatu, de onde um apenas continuava para Goiás, é bem possível que aí nesse entroncamento houvesse, então, casas de hospedagem, e, provavelmente, algum povoado com recursos para os viajantes. Que o arraial é anterior ao manifesto das minas de ouro, em 24 de junho de 1744, não há dúvida."

Tão cabal é essa afirmativa que, precedentes de Vila Boa de Goiás, o célebre aventureiro Feslisberto Caldeira Brant e seus irmãos vieram ter às minas de Paracatu, subsistindo dúvida sobre a data desse evento. Com toda segurança foi na primeira metade do século XVIII, por volta do ano de 1739. Com o Manifesto Legal, que veio justamente no período da decadência das outras minas, foi tal a sua fama, ainda no ano de 1744, que o governador da capitania de São Paulo desejou ter o domínio sobre elas. Mais curioso ainda, com o apoio do Ouvidor Geral de Goiás.

Vila Boa de Goiás teve, além do bandeirante, suas ligações com Paracatu.

Depois de três dias chegados a esta cidade, a caminho de sua prelazia de Goiás, a 8 de outubro de 1808, quase repentinamente, falece o bispo Dom Frei Alexandre Vicente Tovar, que foi "sepultado em um carneiro que se fez na capela-mor" ao lado do evangelho da igreja matriz de Santo Antônio, atual catedral.

### Os Melos Francos

No campo jurídico, Virgílio Martins de Melo Franco, que lá morou com sua família, pelos idos de 1876, serviu, durante um ano, como juiz no Tribunal da Relação. E esse período que serviu em Goiás ficou marcado no seu livro "Viagens pelo Interior de Minas e Goiás", com detalhes muito interessantes sobre várias localidades da Província. Seu filho primogênito, o escritor Afonso Arinos, mais tarde, em "Desamparados", bem coloca a paisagem de sua infância, quando muda para Goiás, acompanhando a família.

"Foi no chapadão extenso que chanfra a cumeada da grande cordilheira das Vertentes; naquele ponto dos limites entre Minas e Goiás, em que o dorso da serra parece morder as nuvens baixas e aprumar-se para abrir leito e remansado Paranaíba."

A família de Virgílio Martins de Melo Franco, e principalmente seus dois filhos mais velhos, já em idade escolar, não muito estranhou a vida de Vila Boa

de Goiás, apesar de capital da Província. Paracatu, além de se encontrar nas fronteiras do estado goiano, ainda muito se ligava aos costumes da antiga capital. Ao lado da semelhança de vida e dos costumes, havia também o muito de identidade da própria urbe, nascida à sombra do ouro.

Cora Coralina, maior expressão da poesia de Goiás, no poema "Antiguidades", lembra-se da paracatuense D. Joaquina, mulher simples e do povo:

*D. Joaquina era uma velha grossa, rombuda, aparatosa. Esquisita.*

*Demorona.*

*Cega de um olho.*

*Gostava de flores e de vestido novo, Tinha seu dinheiro de contado.*

*Grossas contas de ouro no pescoço.*

*Anéis pelos dedos.*

*Bichas nas orelhas.*

*Pitava na palha.*

*Cheirava rapé.*

*E era de Paracatu.*

É ainda Cora Coralina, em seu "O Beco da Escola", que se lembra, dentre outras, de Mestra Inhola, "esquecidas mestras de Goiás", em cuja escola estudou Afonso Arinos. D. Pacífica Josefina de Castro foi mestra respeitada e querida de muitas gerações. Sua sala de aula era bastante modesta e bastante idêntica

**Geraldo Magela**  
(PT)



*O teatro Dulcina reúne todos os requisitos para fazer dele um marco e um dos pontos mais nobres da capital da República. Excelentemente bem construído, o prédio quer sempre lembrar que a grande Dulcina de Moraes escolheu Brasília para criar o seu espaço. Como pode vir a ser também centro de formação de profissionais das artes, devemos nos unir para dar ao teatro Dulcina todas as condições possíveis para que novas e constantes produções culturais garantam uma longa vida a esse sonho brasileiro.*

**Renato Rainha**  
(PL)



*Só a arte é capaz de eternizar todos os momentos e revelar o artista que registra no tempo e no espaço a essência múltipla da vida. Nesse imenso palco de sombras e argamassas, bilhões de seres humanos são atores ativos e passivos na construção do futuro. A representação no presente é dramaticamente vivida por dois grandes grupos: a minoria possuidora dos bens não dorme vigiando-os, e a grande massa também não dorme, gemendo necessidades espancadas à noite em tragédias que amanhecem estampadas nos jornais. Esse drama do cotidiano estará no diálogo e na ação teatralizada num pequeno espaço fechado, diante de um público atônito, representando a vida.*

à do mestre Caldeira, em Paracatu, onde Arinos iniciou sua vida escolar. Por essa sala de aula passaram muitos alunos que se tornariam ilustres, além dos irmãos Arinos e Afrânio. E conservou, durante toda sua vida, o mesmo aspecto, com os mesmos bancos e mesas compridas. Lá em Vila Boa de Goiás, com o modesto professor Joaquim Fernandes, terminou Arinos a instrução primária.

Há muito da infância de Arinos em Vila Boa de Goiás, sutilmente retratada em sua obra regionalista. E ele teria o seu sucessor, que nasceria 14 anos depois de seu regresso a Minas Gerais. Trata-se do também regionalista Hugo de Carvalho Ramos, nascido em Vila Boa de Goiás, também filho de um juiz, e tido como "primeiro prosador de Goiás", e cujo centenário de nascimento ocorreu em 1995. Em "Tropas e Boiadas", ressaltando as características próprias de uma obra escrita depois de duas décadas de "Pelo Sertão", de Arinos, há muito de semelhança ao retratar o sertão, os seus moradores, os seus costumes e os seus usos. Trata-se de mais um elo de Vila Boa de Goiás com Paracatu, através de uma literatura inovadora e rica, que marcou época nas letras brasileiras.

A cidade de Goiás está muito relacionada com a política paracatuense na década de 30, tendo à frente Quintino Vargas. Minas Gerais se sentia ameaçada e, para se defender, formou uma força contra Goiás, que oferecia resistência, com a oligarquia dos Caiados. Formou-se então a Coluna Arthur Bernardes, com o objetivo de defender Minas Gerais, na Revolução de 1930. Estruturada a Coluna sob o comando de Quintino Vargas, ela entrou em Goiás pelo sudeste e, depois de tomar Cristalina, Planaltina, Formosa e realizar prisões de chefes políticos locais, prefeitos, deputados e senadores, continuou sua marcha rumo à capital, passando por Vianópolis e Itaberaí. Em 27 de outubro chegou à cidade de Goiás, ocupou o Palácio do Governo e dominou o poder goiano, empossando o Dr. Carlos Piniheiro Chagas como interventor federal de Goiás.

Entre os ocupantes desse grupo revolucionário é de bom alvitre que se nomeie o Dr. Joaquim Câmara Filho, cunhado de Quintino Vargas, que veio fixar residência em Goiânia, logo após sua fundação, onde ocupou cargos de relevância na vida política do estado e, juntamente com seu irmão, Jaime Câmara, em 1938 fundou o jornal "O Popular", que seria o início da mais poderosa organização jornalística de Goiás.

Em se referindo a Goiânia, que sempre contou com a presença de vários paracatuenses em sua vida social, empresa-

**“...Em 1736, quatro diferentes caminhos para Goiás passaram a fazer junção em Paracatu”**

rial e intelectual, deve-se um destaque especial à pessoa do professor Antônio Teodoro da Silva Neiva, sociólogo respeitado, que publicou minucioso estudo, em três volumes, intitulado "Iniciação à Antropologia Goiana".

### Triângulo

Um dos principais acontecimentos políticos na segunda década do século passado foi a anexação do Triângulo Mineiro à comarca de Paracatu. Isso aconteceu devido a um pedido dos moradores de Araxá, cujo julgado pertencia à Ouvidoria de Goiás, em 1815, solicitando a sua anexação ao território mineiro. Em atendimento a esse pedido, o Príncipe Regente, D. João, expediu alvará, em 4 de abril de 1816, com estas ponderações: "Querendo promover as comodidades daqueles povos que, pela indústria e digna aplicação à lavoura, se fazem dignos de minha real contemplação. Hei por bem separar e desanexar da capitania e comarca de Goiás os dois julgados e freguesias do São Domingos do Araxá e Desemboque com todo o território que lhes pertence; e mando que, deste Alvará em diante, fiquem pertencendo à capitania de Minas Gerais e à comarca de Paracatu, fazendo parte dos limites desta."

A partir de 1838, os políticos paracatuenses menosprezavam os eleitores da margem esquerda do São Marcos. Os moradores dessa região foram sempre tidos como adversários e não atendiam aos interesses eleitoreiros. Houve a represália. A maioria então se registrou em território goiano. Em consequência, as autoridades goianas estenderam seus domínios além da margem esquerda do rio São Marcos, em uma faixa que ia após os ribeirões do Bonsucesso e do Rodrigues. A área dessa invasão foi calculada em 400 quilômetros de comprimento por 60 de largura. Desde então as autoridades goianas, principalmente através de seus agentes fiscais, começaram a impor pesados tributos aos proprietários, ocasionando uma confusão geral, com

grande prejuízo para a economia mineira e, sobretudo, para a paracatuense. A grita foi geral.

Nasceu desse estado de coisas um litígio de divisa entre Minas Gerais e Goiás na margem esquerda do rio São Marcos, desde sua barra no rio Paranaíba até sua cabeceira no ribeirão dos Arrepêndidos. E no chapadão, na principal estrada boiadeira transitada pelos criadores do município de Paracatu, eles tinham os seus passos interditados pela fiscalização goiana, quando conduziam boiadas adquiridas no norte do município. Eram obrigados a pagar uma taxa itinerária (simplesmente absurda), enquanto conduziam os animais dentro do próprio território de Minas para Minas. Ai dos que se negassem a pagar taxações! Os fiscais tinham cobertura da polícia goiana, com prática de violência, gerando sérios conflitos.

Acredito que isso também tenha sido motivo de um revanchismo por parte dos goianos. Pois toda a zona mineira à esquerda do Paranaíba e contornada pelo rio Grande (o chamado Triângulo Mineiro e uma pequena extensão do extremo oeste), a partir de 1766, esteve sob a jurisdição provisória da capitania de Goiás. O primeiro movimento de reintegração desse território ao de Minas Gerais foi reivindicado pela Câmara Municipal de São Bento do Tamanduá (Itapecerica), em carta de 20 de julho de 1793, a D. Maria I. A partir de então avolumou-se junto ao governo régio a corrente defensora dos direitos históricos de Minas àquela região, até que D. João, pelo alvará acima referido, a reincorporou à jurisdição mineira, subordinando-a à comarca de Paracatu.

Depois de mais de um século, após muitos debates, muitas reivindicações

junto a vários governos do Brasil ainda Império e depois republicano, após estudos e pareceres de muitas comissões especialmente nomeadas para esse fim, o litígio somente deixou de existir por ato do presidente Getúlio Vargas, em 1943.

Já percorremos caminhos vários procurando demonstrar as ligações de Paracatu com Goiás. Neste percorrer através da história, ousou afirmar que a antiga São Sebastião da Serra dos Cristais é quase uma extensão de Paracatu em Goiás, pois um número elevado de famílias paracatuenses, possuidoras de propriedades rurais no município, fizeram de lá sua segunda terra. Não fica apenas nisso. Otto Mohn, em seu "História e Estórias de Cristalina", prefaciado pelo paracatuense Antônio Ribeiro Júnior, de que já mencionamos, afirma: "Em 1879, dois franceses, Etienne Lepesqueur e Léon Laboussière, vindos da vizinha cidade de Paracatu, onde residiam, comerciando com ouro, adquiriram, a título de experiência, uma pequena quantidade de quartzo, que enviaram para a França, com ótima aceitação, obtendo preço altamente compensador. Despertando-lhes então o interesse pelo negócio, voltaram em 1880, estabelecendo no local hoje denominado Serra Velha o núcleo inicial do povoado."

Além de Luziânia, no século XVIII, também de Paracatu, nas últimas décadas do século XIX, saíram homens para iniciar a fundação de novo núcleo populacional em Goiás, que seria a progressista Cristalina de hoje.

### Casa Branca

Falamos de propriedades rurais de paracatuenses no município de Cristalina. A uma delas devemos destaque espe-

cial, Casa Branca, distante de Paracatu cerca de 60 quilômetros e de Cristalina pouco mais de 30. Era de propriedade de Francisco Botelho. Lá, além da vida rural, havia intensa vida intelectual. O dono era fazendeiro, mas a sua esposa era filósofa e cultivava em seus filhos esse amor ao mundo do saber. E assim, entre os dez filhos, duas foram poetisas, Branca e Beatriz e um, filósofo como a mãe, Pero. Ele, que também quis ser fazendeiro como o pai, atendeu à solicitação materna, que fizesse pelo menos o curso ginasial. E foi muito além, terminando seus dias, depois de doutor em Filosofia, como professor de Didática de Filosofia e autor de diversos livros filosóficos. Não mais quis ser fazendeiro, voltou à cidade e um dia justificou: "A fazenda, a verdadeira fazenda do homem, não tem liames pecuniários nem se encontra no agro. Acha-se, oculta, no seu íntimo. Vive em suas emoções, em sua sensibilidade, em seu entendimento."

E sua irmã Beatriz, em "Odisseu, meu irmão", comentou sobre essa justificativa de Pero: "Não compreendíamos a metamorfose. Foi aí que o menino-homem disse: 'gente, só agora descobri que sou, como Sócrates, um intramuros, um homem da cidade e não do campo, da paisagem.'"

E a fazenda patriarcal deixa suas divisas e invade, na 'fazenda do homem', para toda a sua vida, os campos da memória, do entendimento, da emoção. Ele encontra Sócrates na esquina de alguma praça da cidade, e cheio de entusiasmo, entendimento, melancolia, com cle saiu andando pelas vias e vielas do pensamento, dialogando, dianoando.

E nunca mais parou."



Câmara Municipal de Paracatu



**Lúcia  
Carvalho  
(PT)**



No próximo dia 7 de julho, a Fundação Brasileira de Teatro (FBT) completa 41 anos de vida, graças ao ideal e dedicação de Dulcina de Moraes e Odilon Azevedo – seu companheiro de sonho e profissão.

Mesmo com a crise conjuntural que tem levado bancos à falência e ameaçado de extinção universidades federais, a obra de Dulcina permanece viva, com seus quase 400 alunos. É bom lembrar que qualquer cidadão, empresa pública ou entidade privada, pode ajudar a FBT, com isenção no Imposto de Renda. Queremos hoje homenagear a FBT, uma das mais antigas obras de educação e cultura do Brasil.



**Adão  
Xavier  
(Sem Partido)**

Apresentação da Orquestra do Teatro Nacional Cláudio Santoro nas cidades-satélites do Distrito Federal é o que prevê projeto de lei de minha autoria que tramita na Casa.

O meu principal objetivo é levar a cultura até onde o povo está. A população que mora em locais mais distantes ainda não teve a oportunidade de contemplar a sinfonia transmitida pela Orquestra do Teatro Nacional, talvez porque convencionou-se que músicas clássicas não são apreciadas pela população de baixa renda. O meu projeto de lei visa mudar esse quadro. Quero colocar à disposição da comunidade mais uma alternativa cultural.

Quando passo às margens da sede da fazenda Casa Branca, contemplando os buritizais com seus cocares brilhantes pela vereda extensa, lembro-me do paracatuense Arinos, evocando em página antológica o “Buriti Perdido” e recordo-me da fazenda da cultura da inteligência, onde se reúnem intelectuais para tertúlias literárias naquele bucolismo virgiliano. Não mais é propriedade do mundo intelectual, pois, hoje, “tem liames pecuniários”. Acha-se exposta, saiu da intimidade, não vive mais em suas emoções, nem em sua sensibilidade, nem em seu entendimento.

Neste andar pelo tempo dentro do espaço Paracatu – Goiás, não podíamos deixar de referir-nos às ligações de Paracatu com Catalão, municípios também limítrofes. Principalmente através da família Victor Rodrigues.

Primeiramente Alceu, farmacêutico, que exerceu a profissão em Paracatu nos idos de 1890, tendo fundado, juntamente com Júlio César de Melo Franco, em 1896, o jornal “Paracatu”. Poeta e ensaísta, colaborou com os jornais que circulavam na cidade. Retornou a sua cidade de origem, onde faleceu aos 36 anos de idade, em 1902. Merece destaque também a presença de seu irmão, Gastão, poeta e prosador. Concluiu o curso de normalista na velha Escola Normal de Paracatu, em 1898, onde passou a residir aos 9 anos de idade. Nessa cidade veio a se casar, em 1907, com D. Leonor Pimentel Ulhoa. Ainda em Paracatu, em 1909, fundou e dirigiu o jornal “O Paracatuense”, órgão político e literário, até o ano de 1912. Como advogado, formou-se em 1906 pela Escola de Direito de Goiás. Foi nomeado para instalar a comarca de Anápolis, efetivando a solenidade em 15 de abril de 1915, e exercendo o cargo de Juiz de Direito até a sua prematura morte

“*Foi de Paracatu que surgiu a primeira linha regular de ônibus de Minas Gerais para a nova capital*”

nesta cidade, aos 34 anos de idade, onde foi sepultado. Além de “Agapantos”, editou “Páginas Goianas”, já no ano de seu falecimento, em que analisa a literatura goiana até aquela época. Durante algum tempo, residiu nesse local, onde exerceu a profissão de médico um seu irmão.

Se tempo e meios houvesse para mais aprofundadas pesquisas, poderia mostrar muito mais o relacionamento da terra de Afonso Arinos com as terras goianas. Além de outras, Ipameri, outrora Vai-e-Vem, depois Entre Rios, também aqui se fariam presentes. Este último foi um nome que desde criança sempre ouvi falar. Minha mãe, quando moça, lá residiu com seus pais e, nos idos de 40, meus avós maternos para lá retornaram, onde permaneceram por mais algum tempo. E como falavam com saudade da cidade e de sua gente! Além de membros de outras famílias, como Aquino, aí também morou o gaúcho-poeta, Eurico Guterrez, depois de residir e lecionar algum tempo em Paracatu.

Oliveira Mello, escritor, historiador, folclorista e membro da Academia de Letras Brasil Central, entre outras instituições culturais



Antigo sobradinho do largo do Santana, hoje reconstruído, que abriga a sede do Arquivo Público Municipal